

Resumo: A temática destes Salmos remonta aos tempos da composição do Saltério, antes da abolição da monarquia davídica, não por decadência ou crise interna, mas por agressão externa. Mas a tradição religiosa estava em busca de outras mediações, que substituíssem as estruturas nacionalistas do judaísmo, por instituições a serviço do universalismo da religião bíblica. O artigo trata da liturgia em memória da destruição de Jerusalém, ressaltando o tipo de culto religioso, que deu origem a determinados Salmos no período pós-exílico. A seguir se aborda a liturgia do Templo de Jerusalém após 520 a.C. A análise e o comentário dos três “Salmos de protesto” (Sl 44; 80; 89) são apresentados à luz de sua relevância na História da Salvação. A recitação desses Salmos na liturgia da S. Missa e no Ofício divino favorece a assimilação na espiritualidade comunitária do Povo de Deus a serviço da difusão dos dons salvíficos entre todos os povos.

Abstract: The thematic content of these Psalms has its origin in the remote past as far back as the very beginning of the composition of the psalmody before the abolition of the Davidic monarchy due to foreign aggression and not by decadence or internal crisis. In fact, the cultic tradition was searching for other forms of mediations to replace those of nationalistic tenets in order to be at the service of the biblical religion in its ever widening scope to spread over the whole world. The paper deals with the memorial liturgy at the occasion of the destruction of Jerusalem, emphasizing the type of religious service which gave rise to a number of Psalms in the post-exilic period. In this context mention is made about the liturgy held at the Temple of Jerusalem while its rebuilding was still in progress (after 520 a.C.). A detailed analysis and commentary on three Psalms of Protest (Ps 44; 80; 89) makes up the greater part of the article whose explanation has special bearing on the history of salvation. The prayers at the Mass draw inspiration from the Psalter and the Divine Office thus nurturing the spiritual life both of the Church and the faithful, and turning into an indispensable means for the bestowal of God's gift of salvation upon all the peoples of the world.

Salmos de Protesto (Sl 44; 80; 89)

*Luís Stadelmann, SJ**

* O autor, doutor em Línguas e Literatura semíticas, Cincinnati, USA, e Mestre em Ciências Bíblicas, PIB, Roma, é professor na FACASC.



Introdução

O *Documento de Aparecida* faz referência a uma das características marcantes da religião bíblica do Antigo Testamento: “Cada vez que Israel procurou e necessitou de seu Deus, sobretudo nas desgraças nacionais, teve singular experiência de comunhão com Ele, que o fazia partícipe de sua verdade, sua vida e sua santidade” (n. 129). Pode-se, portanto, considerar como fato comprovado, que as orações salmódicas da liturgia foram conservadas no Saltério, não apenas como memorial de um evento da história da salvação do passado, mas como celebração da lembrança de um acontecimento que não se desejava esquecer por ser um evento onde o destino de Deus na história estava ligado ao destino do Povo Eleito: salvam-se ou perdem-se juntos.

Ora, uma das experiências mais questionadoras que constam na Bíblia é a tentativa de penetrar a cortina da inescrutabilidade divina a fim de descobrir a trama de causa e efeito da catástrofe nacional do Povo Eleito. Encontramos os “Salmos de protesto” no rol dos Salmos de Súplica¹, onde, na seção de *lamentação*, constam prantos e queixas pungentes pela destruição de Jerusalém, do templo, da realeza e do Estado teocrático de Israel. O impacto da catástrofe nacional sobre os habitantes do país abalou tremendamente a auto-estima da nação israelita: foram destruídas as instituições mais sagradas de Israel, representando os quatro sinais da Eleição divina do Povo Eleito. Seus ideais religiosos e emblemas alcandorados, como povo de Deus², caíram por terra, e foram conspurcados pelas tropas pagãs, tripudiando sobre a desgraça das tribos de JAVÉ deportadas para o Exílio (em 587 a.C.). Mas os remanescentes

¹ A designação desses Salmos como súplicas é mais apropriada ao seu conteúdo do que a outra convencional: “Salmos de lamentação”, do alemão “*Klagelied*”. Pois tal expressão chama a atenção predominantemente para uma seção desta categoria de Salmos, deixando de lado outras igualmente importantes. Por outro lado, “súplica” corresponde ao termo hebraico *ṯḥinnah*: “súplica de piedade”, um termo que ocorre na oração de Salomão e nos Salmos desse tipo, que usam também: *ṯḥ-nūnim* (em hebraico), palavra relacionada à anterior. É de notar-se que “lamentação” corresponde ao hebr. *qīnah*, “elegia”, que não é mencionada nos cabeçalhos nem no texto dos Salmos. Essa substituição de nome na terminologia traz maior clareza ao estudo das características literárias funcionais desta categoria de Salmos.

² A praxe dos autores bíblicos de designar os israelitas como Povo de Deus não tem paralelo na Antiguidade. Com efeito, os babilônios não se chamavam “povo de Marduc”, nem os assírios “povo de Assur”, nem os egípcios “povo de Amon Ra”, nem os hititas “povo de Telepino”, nem os persas “povo de Ahura Mazda”, nem os cananeus “povo de Baal”, nem os Helenistas “povo de Zeus”, nem os romanos “povo de Júpiter”. A razão é que o respectivo deus tutelar não fez uma “Aliança” com nenhum desses povos.



de Judá não se deram por vencidos, enquanto lhes restava a liturgia que a comunidade de fé celebrava na presença de seu Deus.

Em situação de crise na história da salvação, surgiu uma urgente demanda de coesão social, que mantivesse unidos os judeus remanescentes espalhados na Palestina, nos países vizinhos da província de Judá e nas regiões mais afastadas, tanto na Babilônia como no Egito. Era preciso evitar, a todo custo, o enfraquecimento da religião como elemento integrador dos fiéis do Povo Eleito e como fator da coesão do Povo de Deus. Daí foram os líderes do povo, enquanto guardiães do patrimônio cultural de Israel, que perceberam a necessidade de criar um rito religioso como suporte para uma integração emocional-afetiva e para uma coordenação simbólica. Foi instituída uma liturgia evocativa para lembrar aos fiéis, na presença de Deus, o impacto dessa catástrofe nacional. A intenção da celebração litúrgica não era de nostalgia ou saudosismo pelo passado, mas visava apelar para Deus, a fim de realizar uma nova obra salvífica, para compensar as perdas do passado. Se fosse apenas uma recordação dos acontecimentos trágicos, seria mero memorial da lembrança coletiva do povo, sem servir como fator de coesão dos remanescentes, reunidos em oração litúrgica para pedir de Deus sua intervenção na história. Embora constituíssem apenas uma minoria, cercados por uma maioria de seguidores de outras religiões, eram, todavia, membros do Povo Eleito que precisavam integrar o resto dos israelitas do Norte e dos judeus do Sul³. É que não havia começado em Israel a obra missionária em grande escala para converter os prosélitos ao Povo de Deus. Sem o influxo de novos membros, as comunidades de fé diminuía intensivamente com grave risco de desaparecerem pouco a pouco. Se viessem a faltar os fiéis na Terra Prometida, Deus não teria colaboradores para realizar seu desígnio salvífico entre os povos.

Liturgia em memória da destruição de Jerusalém

A liturgia de luto nacional, instituída em Israel após a destruição de Jerusalém (em 587 a.C.) era uma lamentação coletiva convidando os fiéis a reunir-se em oração para suplicar pelo dom da misericórdia de Deus⁴, evitando-se, assim, o risco de acalentarem no coração remi-

³ Cf. Nadav NA'AMAN, "The Israelite-Judahite Struggle for the Patrimony of Ancient Israel", em *Bíblica*, Vol. 91, Fasc. 4, Ano 2010, p. 1-23.

⁴ O *Livro das Lamentações* não se arreceia de encarar a realidade da pátria humilhada e exausta pela derrota, sem esquecer-se, porém, de levantar os olhos para o céu e pedir "a misericórdia do SENHOR e sua compaixão" (Lm 3,22).



niscências de amargura e ressentimentos contra o destino nefasto. Por isso, após a destruição de Jerusalém, a liderança religiosa dos judeus viu a necessidade de marcar no calendário o dia de luto nacional (em 586 a.C.) com a observância do jejum no quarto mês em memória da queda de Jerusalém; no quinto mês, em memória do incêndio do Templo; no sétimo mês, em memória do assassinato do governador Godolias (Jr 41,1-2); no décimo mês, em memória da extinção do Estado de Judá (Zc 8,19), pelo exército babilônico (2Rs 25,8-9). O Reino de Judá fora conquistado por Nabucodonosor, cuja política expansionista do Império da Babilônia estendeu-se desde a Mesopotâmia até o Egito. O Reino de Judá foi dissolvido após a derrota das suas tropas, que não resistiram ao ataque do exército invasor.

A espiritualidade que imbuía os fiéis, nas reuniões cultuais, durante a reza da lamentação coletiva por ocasião do dia de luto nacional, estava transida de lástima pelas instituições que foram extintas. Fundamentalmente, tratava-se de uma queixa amarga pela *ausência* de Deus, quando sua presença atuante junto aos fiéis fazia tanta falta. Cinco elegias⁵ foram redigidas para servirem de textos litúrgicos na oração comunitária. Sua serventia ultrapassou o período exílico, já que foram inseridas posteriormente no *Livro das Lamentações*, como um dos livros canônicos da Bíblia. Cada uma das cinco elegias trata de um tópico específico: a 1ª elegia à “Jerusalém desolada”; a 2ª elegia ao “dia da ira do Senhor”; a 3ª elegia à “esperança em meio à aflição”; a 4ª elegia à “dimensão do Juízo divino”; a 5ª elegia como “súplica de clemência e restauração”. A finalidade dessas composições poéticas é mover Deus à compaixão e inclui um ato de confiança no porvir.

A segunda elegia (Lm 2,1-22) estiliza em versos os pungentes lamentos pela ação de Deus como *causa principal* da destruição de Jerusalém e das instituições sagradas, ao passo que os inimigos eram meramente *causa instrumental*. Entre os escombros da devastação geral são mencionados os seguintes resíduos: as muralhas de Sião (2,1.4.8), a Arca da Aliança (2,1)⁶, os emblemas da realeza (2,2.6), o lábaro do Estado de Israel em extinção (2,5), os ornamentos do templo (2,7), as

⁵ As cinco elegias contêm 22 estrofes; as quatro primeiras são compostas em acrósticos alfabéticos, ao passo que a quinta não tem o formato poético do acróstico, pois consiste numa lamentação coletiva. As letras com nomes hebraicos correspondem, em ordem ascendente, à escrita do alfabeto com letras da grafia hebraica e aramaica.

⁶ A “Arca da Aliança” é designada simbolicamente como “o esplendor da santidade” (SI 96,9) ou “escabelo dos pés de Deus” (SI 99,5; Lm 2,1).



pedras do altar (2,7), os símbolos dos sacerdotes (2,20) e dos profetas (2,20), e as casas dos habitantes do país (2,20-22)⁷.

Os membros da comunidade de fiéis abriram os horizontes para além dos acontecimentos trágicos recentes de 587 a.C., pois lembram também a queda do Reino do Norte de Israel, um século e meio antes (em 721 a.C.). Nessa liturgia se recorda a extinção do Estado de Israel como, também, o de Judá (Lm 2,5), fato esse que determinou a inclusão das preces de intercessão pelos fiéis de Israel e de Judá nos Salmos (Sl 44; 80; 89 etc.). Chama nossa atenção a ressalva do profeta Zacarias, de que essa liturgia em memória da crise nacional não foi instituída por ordem divina (Zc 7,5), mas por iniciativa humana. Não possuía, portanto, o aval de uma autoridade religiosa suprema, pois parecia ser mero rito fúnebre do qual alguns pietistas se serviam como veículo de “conscientização” nacionalista. Em vista disso, Deus não sancionou a lamentação pela extinção de determinadas instituições religiosas, porque eram excrescências do nacionalismo judaico e acréscimos tardios ao culto divino, mas teriam que ser abolidos, quando se tornariam empecilhos à religião bíblica, dificultando sua difusão entre povos e nações. Entretanto, esse dia de luto nacional em memória da destruição de Israel imperou durante setenta anos (586-520 a.C.), até que foi suspenso com a reconstrução do Templo de Jerusalém e sua inauguração, em 520 a.C (Esd 6,16).

Liturgia no Templo restaurado após 520 a.C.

Com a restauração do Templo de Jerusalém foi reinstituída a celebração litúrgica de oferta do sacrifício de ratificação da Aliança sagrada. Doravante, porém, aludiria à “*nova Aliança*” revelada pelo profeta Jeremias.

A substituição da antiga por uma nova Aliança é de iniciativa divina⁸. No futuro, JAVÊ agirá diretamente sobre o coração do homem (Jr 31,33); a Lei divina não será mais gravada sobre tábuas de pedra, mas sobre o coração humano, dispensando os ensinamentos pedagógicos (v.32-34). O conhecimento de Deus estará baseado na experiência do perdão dos

⁷ Cf. John SKINNER, *Jeremias, Profecia e Religião*, (Trd. de Rubem Alves), ASTE, São Paulo, 1966, esp. p. 257s.

⁸ Cf. N. FLÜGLISTER, “Jeremias”, em J. Schreiner, *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*, (Trd. de B. Lemos), Ed. Teológica, Ed. Paulus, São Paulo, 2ª ed., 2004, 239-258.



pecados⁹ e, por isso, dispensará outros meios externos, como, p. ex., o ensino dos “preâmbulos da fé”, ou de uma “teologia apologética” com argumentos sobre a existência de Deus (v. 34). Além disso, o dever de todas as criaturas de dar glória a Deus, proclamando-o Criador e Benfeitor; será internalizado também nos fiéis e na comunidade litúrgica, como critério de reconhecimento da presença de Deus no coração humano.

Na interpretação dos “Salmos de protesto”, será preciso fazer uma análise detalhada de cada um deles, não apenas à luz das temáticas da revelação divina, expressa numa maravilhosa variedade de formas, mas principalmente na dimensão da nova Aliança, incluindo as temáticas do louvor de Deus por sua intervenção na história do Povo Eleito (SI 44,2-9; 80,9-12; 89,2-38). Além disso, requer-se também salientar a experiência do perdão dos pecados (SI 44,26-27; 80,6; 89,51).

Tendo em vista o dom da salvação concedida aos fiéis através da *Aliança* sagrada, impõe-se a tarefa de especificar a *mediação* dos dons salvíficos. Ora, os judeus exilados na Babilônia foram re-assentados em comunidades, com o aval do governo, no vale do rio Eufrates, ao passo que alguns estavam um pouco afastados, prestando serviço em obras públicas. Não foram escravizados nem disseminados em regiões distantes, como o haviam feito os assírios anteriormente (em 722 a.C.) com os israelitas exilados de Samaria. Os judeus deportados pelos babilônios (em 587 a.C.) receberam um tratamento mais humano, concedendo-se-lhes inclusive o direito de praticarem sua religião. Fator notável era o cultivo das tradições culturais e religiosas mediante a evocação de costumes antigos que foram revitalizados na vivência da fé e na observância do “sábado”, como dia sagrado do judaísmo. A escola da “tradição sacerdotal” floresceu naquele tempo nas comunidades judaicas. Sua criatividade na historiografia, teologia e espiritualidade, tem valor perene, e serviu de antídoto contra o sincretismo religioso e a deserção dos praticantes da religião bíblica¹⁰. Não foram, porém, iniciativas de alguns recalcados das comunidades judaicas incentivando reações de defesa, mas sim, dos

⁹ Com base na experiência de reconciliação com Deus foi instituída a “liturgia penitencial”, com seus nove elementos constitutivos, dando origem aos Salmos penitenciais, (SI 6; 32; 38; 51; 102; 130; 143), cf. L. STADELMANN, *Os Salmos: Comentário e Oração*, Ed. Vozes, Petrópolis, 2001, p. 44-46.

¹⁰ Cf. Martin NOTH, *Historia de Israel*, (Trd. de J.A.G. Larraya), Ed. Garriga, Barcelona, 1966, cap. 24. “La situación después de la caída de Jerusalén, p. 265-273.



líderes religiosos inspirados pelo *carisma* da revelação divina. Foram os profetas Ezequiel e o Segundo Isaías que souberam impor-se com visões deslumbrantes da presença de JAVÉ atuando na História da Salvação. Na verdade, era preciso neutralizar o impacto nos espectadores causado pelo imponente aparato do culto pagão nas procissões em honra ao deus Marduc¹¹. Em contraste com o cerimonial dos desfiles de andores com ídolos do panteão babilônico, os profetas influenciaram o imaginário da mentalidade formada pela fé bíblica. A “visão do vale dos ossos” (Ez 37) e a profecia sobre o “Servo de JAVÉ” como Redentor de Israel (Is 42; 49; 50; 52) abrem vislumbres de um mundo com destino meta-histórico.

É importante notar também que as lideranças judaicas na Babilônia não tomaram medidas para instaurar um culto alternativo, mas sim uma espiritualidade vivida em torno das tradições religiosas de Israel, dentro dos parâmetros da História da Salvação. Se tivessem instituído celebrações culturais e ritos religiosos, teriam dado origem às seitas, causando a fragmentação das comunidades de fé, diferenciando as da Palestina e as do Exílio. Implicitamente deram continuidade à nova tendência de difundir a religião bíblica pelo caminho do *universalismo*. Dessa forma, as comunidades de fé da Judéia, da Samaria e da Babilônia, permaneceram vinculadas por princípios religiosos comuns e pelos laços da *nova Aliança*, que se ratificava pelos sacrifícios imolados no altar dos holocaustos em Jerusalém.

Ampliando a visão sobre todas as coleções inseridas no *Livro dos Salmos* na Bíblia, é importante ressaltar que todo o Saltério sofreu uma revisão de cada Salmo. Estão incluídos os que foram compostos no período pré-exílico, como também os de composição pós-exílica. Essa revisão consiste na influência da experiência amarga da crise nacional, impondo-se à reflexão teológica, após o fim do Estado teocrático de Israel e do Exílio. O traço marcante dessa influência é a centralidade da dimensão salvífica baseada na *Aliança* sagrada e na vivência da fé nas comunidades do Povo Eleito, com ênfase na experiência do *perdão dos pecados* como também na experiência da presença de Deus na liturgia de *louvor ao SENHOR* como Criador e Benfeitor. A espiritualidade da vivência da virtude da religião não estava eivada de uma experiência de vítima ou ressentimento pela crise nacional do Exílio, mas servia de

¹¹ Cf. “Carta de Jeremias aos Exilados” no livro de Baruc, inspirando-se no texto da profecia de Jeremias (Jr 24,4-23) e reproduzindo as ideias do seu oráculo contra os ídolos (Jr 10,1-16). A mensagem dessa carta contém uma exortação à fidelidade na fé sendo dirigida aos judeus exilados na Babilônia, desde 587 a.C. (Br 6,1-72).



incentivo para os fiéis difundirem os dons salvíficos a outros fiéis, e fazer da comunidade de fé um testemunho da fidelidade, graças à misericórdia divina. Quem nos abre a porta da experiência da fé da comunidade de fiéis, do período pós-exílico, são os salmistas como arautos para levar as promessas, de efeitos salutares, para as novas gerações. Elas terão que aprender a tornar a vivência da fé tão vibrante como os salmistas de outros tempos souberam fazer na liturgia sagrada, embora sem o respaldo das estruturas do Estado, em analogia com o entusiasmo dos habitantes de outros países, rendendo louvor aos deuses tutelares na solenidade religiosa¹². Na verdade, a presença de Deus não definhou nem se tornou obsoleta, mas continuou a despertar a esperança na intervenção divina no “futuro povo restaurado” (Sl 102,19).

Poderia parecer que, com a reconstrução do Templo em Jerusalém, também as estruturas estatais de antanho fossem restauradas, embora o próprio Deus quisesse *emancipar* a religião bíblica do respaldo do Estado. Na verdade, o que se restaurou foi o altar dos holocaustos, na esplanada do Templo, de sorte que a referência ao “Templo” serve, aqui, apenas a título de metonímia, indicando o todo por uma parte, isto é, o *altar dos holocaustos*, sobre o qual se oferecia o sacrifício de ratificação da *Aliança* sagrada.

Para aprofundar a mensagem dos Salmos 44, 80, 89, será preciso recordar a aplicação do método exegético das seis etapas à nossa análise: o gênero literário, a estrutura literária, os aspectos teológicos e litúrgicos, a mensagem de espiritualidade, e o tipo de oração¹³. Com efeito, é a motivação próxima da oração, que permite melhor compreensão dos conteúdos temáticos dos Salmos, e abre o caminho para o colóquio pessoal, no encontro com Deus.

¹² Os judeus exilados, reassentados em vários lugares no Sul da Mesopotâmia, tiveram oportunidade de presenciar o culto esplêndido dos deuses babilônicos, especialmente de Marduc, com seus numerosos templos e solenes procissões na cidade da Babilônia (Br 6,1-72).

¹³ Cf. L. STADELMANN, “Método exegético do estudo dos Salmos”, *op. cit.*, p. 80-83.



Salmo 44 (43)

Súplica do povo vencido

Estrutura Literária¹⁴

| | | | |
|-----|---------------------------------------|-------|-----------------------------|
| 1 | I. Cabeçalho | 10-17 | III. Protesto coletivo |
| 2-9 | II. Evocação das glórias passadas | 18-23 | IV. Testemunho de inocência |
| 2a | A. Invocação | 24-27 | V. Apelo para Deus |
| 2b | B. Fórmula de transmissão | 24 | A. Pedido de ajuda |
| 3-4 | C. Retrospecto sobre a hist.salvífica | 25-26 | B. Lamento |
| 5-9 | D. Expressão de confiança | 27 | C. Pedido de ajuda |

Comentário e sua relevância na História da Salvação

¹ *Ao regente do coro. Ode sacra dos filhos de Coré.*

O cabeçalho do Salmo é uma rubrica litúrgica, indicando sua recitação e cantoria pelo coro, com estribilho (v. 9), durante o culto divino, no Templo restaurado (após 520 a.C.). Mas a origem das rubricas salmódicas data de época posterior (antes do fim do séc. IV a.C.), quando foi editado o *Livro dos Salmos*. Sua finalidade é assegurar-lhe a chancela oficial da autoridade religiosa e garantir o caráter de inspiração divina. Dessa forma, este Salmo será recitado pelo Povo Eleito, na presença de Deus. A especificação literária como “ode sacra” (hebr. *maskîl*) indica a qualidade esmerada da forma poética dos salmistas e do “Coral de Coré”, distanciando-a da cantilena dos trovadores populares, improvisando músicas em praça pública. O *lamed* prefixado ao nome de Coré é o “*lamed* do titular de classificação”, que indica o grupo de Salmos de uma determinada coleção (JM § 130b)¹⁵. Não se trata do *lamed auctoris* para identificar o compositor do respectivo Salmo.

Evocação das glórias passadas para dar glória a Deus (v. 2-9)

² *Nossos antepassados nos contaram
a façanha que realizaste no seu tempo.*

³ *Para implantá-los, com tua mão expropriaste nações,*

¹⁴ Cf. E.S. Gerstenberger, *Psalms I, With an Introduction to Cultic Poetry*, (The Forms of the OT Literature XIV), Eerdmans, Grand Rapids, Michigan, 1991, p. 182-186.

¹⁵ P. Joüon — T. Muraoka, *A Grammar of Biblical Hebrew*, vol. I, Part 1: Orthography and Phonetics, Part 2: Morphology; vol. II, Part 3: Syntax (Subsidia Biblica: 14/I-II), Rome: P.I.B., 1991, (abrev. JM).



e para expandi-los, arruinaste povos.

⁴ *Não foi por sua espada que se tornaram donos da terra,
não foi seu braço que lhes deu a vitória;
foi tua destra, o braço e a luz de tua face,
pois tu os amavas.*

⁵ *Ó Deus, tu, que és meu Rei,
comanda! E Jacó vencerá.*

⁶ *Graças a ti, destroçamos nossos adversários,
pelo teu nome calcamos aos pés nossos agressores.*

⁷ *Não está a minha confiança no meu arco:
minha espada não me daria a vitória.*

⁸ *Tu nos fazes vencer nossos adversários,
humilhas nossos inimigos.*

⁹ *Todos os dias, cantamos os louvores de Deus,
celebrando, sem cessar, o teu nome.*

Canto

A prestação de louvor a Deus lembra os atos salvíficos de Deus no passado, especialmente o re-assentamento das tribos migrantes na Terra Prometida, (v. 2-4), e o relato da fidelidade dos fiéis no presente (v. 5-9). Nesse retrospecto se afirma a continuidade histórica da religião praticada desde o passado até a época atual. A *evocação das glórias* passadas, em forma de hino para fins litúrgicos, como homenagem de louvor a Deus, em reconhecimento por sua intervenção na história sagrada, e como atualização da experiência salvífica nos fiéis, cujas preces, por auxílio divino, são atendidas. Esse retrospecto sobre a obra de Deus na História da Salvação tem também finalidade catequética, como lição transmitida de pai para filho. A fé, nascida e cultivada na família, atualiza-se na liturgia, onde se conservam e são narrados os fatos da história sagrada para tornar presente, na liturgia e na vida, a experiência da salvação.

2-4 Retrospecto histórico da vitoriosa entrada do Povo Eleito na terra de Canaã, motivo para Deus continuar realizando a salvação na situação presente. A causa da intervenção divina em favor do Povo Eleito é sua bondade, que o move a doar-lhes gratuitamente a Terra Prometida, onde, no AT, a história salvífica tem, em âmbito particular, sua manifestação no mundo. No NT situam-se as comunidades de fé no Reino de Deus, onde se manifestam os desígnios divinos de salvação em âmbito universal. Com a alusão à “destra de Deus” (v. 4), evoca-se a intervenção divina no Êxodo, desde o Egito até a entrada na Terra Prometida. A imagem bíblica “*luz de tua face*”, aplicada a Deus, significa a manifestação de dons da benevolência divina aos homens.



5-9 *Expressão de confiança* na proteção de Deus, dispensada ao Povo Eleito. Perene fonte dessa confiança é a liturgia celebrada na presença divina, assegurando aos fiéis o atendimento de suas súplicas, graças ao poder onipotente que Deus quer manifestar na realização da obra salvífica, na situação humana. O motivo de mencionar-se o nome de Jacó para designar Israel é o fato de ser epônimo do povo israelita, em todo o seu conjunto das doze tribos, denominado pelo nome do patriarca quando se queria tecer-lhe elogios. Com efeito, povo algum foi agraciado, como o Povo Eleito, com a honra de poder prestar sua homenagem de louvor na presença divina (ao “nome” de JAVÉ), celebrando a sagrada liturgia no santuário. A expressão do *fervor religioso* encontra-se no v. 9, evocando a praxe cultural de celebrar diariamente o rito litúrgico no Templo de Jerusalém, frequentado pelos fiéis vindos de longe e de perto para adorarem o SENHOR, que tinha um encontro marcado com o Povo Eleito na cerimônia de ratificação da Aliança sagrada.

Protesto coletivo (v. 10-17)¹⁶

¹⁰ *E, no entanto, tu nos rejeitaste e de nós escarneceste,
não mais saindo com nossos exércitos.*

¹¹ *Tu nos fizeste recuar diante do adversário,
e nossos inimigos levaram os despojos.*

¹² *Entregaste-nos como ovelhas de abate,
entre as nações nos dispersaste.*

¹³ *Cedeste, sem vantagem, teu povo¹⁷:
nada ganhaste em vendê-lo.*

¹⁴ *Aos ultrajes dos vizinhos nos expuseste,
ao escárnio e aos risos dos que nos cercam.*

¹⁵ *Fizeste de nós uma pilhéria entre as nações,
e diante de nós, os povos levantam os ombros.*

¹⁶ *O dia inteiro, tenho diante de mim meu opróbrio,
e a vergonha cobre meu rosto,*

¹⁷ *sob os gritos de ultraje e de blasfêmia,
em face de inimigo vingativo.*

¹⁶ A análise detalhada do Salmo 44, sob o enfoque de um “Salmo de protesto” apareceu recentemente no artigo de Dalit Rom-Shiloni, “The Powers of Protest”, em *CBQ* 70, Nr. 4 Oct. 2008, 683-697. As intuições são muito lúcidas, mas procuramos em vão pela explicação do motivo de Deus atuar para eliminar as estruturas teocráticas do Estado de Israel que davam respaldo à religião bíblica do AT desde a sua origem.

¹⁷ O motivo de os membros das comunidades de fé do AT e NT se chamarem “Povo de Deus” é devido à *Eleição* divina e *Aliança* sagrada entre Deus e os fiéis. Essa designação baseia-se em motivo teológico e não sociológico. No Salmo se menciona “teu povo”, o que confirma sua adesão irrestrita a Deus mediante a “Aliança sagrada” (v. 18).



O problema crucial é a derrota militar, a destruição do país, o exílio dos habitantes, e a extinção do Estado teocrático de Israel e de Judá. Duas monarquias que integravam as tribos israelitas do Norte e do Sul foram extintas, e seus habitantes marcharam para o Exílio na Assíria e Babilônia. Mas o mais grave não era só a ausência de Deus junto aos fiéis do Povo Eleito, mas sua presença atuante junto às forças hostis, tripudiando sobre as vítimas da guerra. Como é possível que Deus se bandeasse aos inimigos estrangeiros e fizesse causa comum com as forças do Império Assírio e Babilônio, cuja política expansionista visava impor o domínio de Assur e Marduc, os deuses tutelares que exerciam o patrocínio de países pagãos?

Testemunho de inocência (v. 18-23)

- ¹⁸ *Tudo isso aconteceu a nós, que não te esquecemos,
que não traímos tua aliança.*
- ¹⁹ *Nosso coração não recuou,
nossos passos não se desviaram de teu caminho;*
- ²⁰ *e tu nos esmagaste na terra dos chacais
e com espessas trevas nos cobriste.*
- ²¹ *Tivéssemos esquecido o nome do nosso Deus,
estendido a mão para um deus estrangeiro,*
- ²² *não o teria Deus notado,
ele, que conhece os segredos do coração?*
- ²³ *Por tua causa nos matam, todos os dias,
e nos tratam como ovelhas de abate.*

A situação dos sobreviventes é a dos mártires pela fidelidade à *Aliança* sagrada (v. 18), sem o mais leve desvio da fé para outras crenças (v. 19-22). Sua apologia mais convincente é a ameaça de morte iminente dos remanescentes da população (v. 23), de sorte que com o extermínio do Povo Eleito não haveria colaboradores a serviço da obra de redenção na História.

Apelo para Deus (v. 24-27)

- ²⁴ *Acorda, Senhor! Por que dormes?
Desperta de teu sono, não nos rejeites para sempre!*
- ²⁵ *Por que escondes a tua face
e esqueces nossa desgraça e opressão?*



²⁶ *Nossa garganta está inclinada para o pó,
nosso ventre está colado ao solo.*

²⁷ *Levanta-te para socorrer-nos!
Resgata-nos, por teu amor!*

O apelo para Deus baseia-se num argumento de que a presença divina é o fator decisivo para a solução da crise nacional. Se, portanto, no passado, houve uma atuação eficaz da intervenção de Deus na história de Israel, é porque Deus estava atento aos acontecimentos históricos do Povo Eleito sem que ficasse “dormindo”, alheio ao desenrolar dos eventos destruidores do povo israelita. Mais forçoso do que qualquer outro argumento é o ato de religião de adesão à *nova Aliança*, que consiste na experiência do perdão que comprova a presença de Deus no coração do penitente, cuja atitude de prostração é típica do rito penitencial. Junto com esse rito é a oração, cuja motivação próxima baseia-se no “amor de Deus” (hebr. *hesed*) ratificando a vinculação entre Deus e seus fiéis pela *nova Aliança*, para efetuar a obra da salvação.

Oração

Oração de amor confiante na salvação do Povo Eleito, que evoca os feitos gloriosos do passado de sua história (v. 2-9) para a nação sair da situação deprimente. Atravessando uma crise, em consequência da derrota militar (v. 10-17), Israel implora a Deus que intervenha em seu favor, já que, não tendo sido infiel, não merece ser excluído da proteção divina (v. 18-27).

Contexto

Este salmo de súplica coletiva data do período pós-exílico.



Salmo 80 (79)

Prece pela restauração de Israel

Estrutura Literária

| | | | |
|------|-----------------------------------|-------|---------------------------------|
| 1 | I. Cabeçalho | 13-14 | VIII. Protesto |
| 2-3 | II. Invocação e súplica | 15-19 | IX. Pedido e promessa |
| 4 | III. Refrão expressando confiança | 15-16 | A. Pedido |
| 5-7 | IV. Protesto | 17 | B. Imprecação e motivo |
| 8 | VI. Refrão expressando confiança | 18 | C. Intercessão |
| 9-12 | VII. Retrospecto | 19 | D. Promessa |
| | | 20 | X. Refrão expressando confiança |

Comentário e Relevância na História da Salvação

¹ *Ao regente do coro: segundo a melodia “Os lírios”.
Testemunho. Salmo de Asaf.*

O cabeçalho do Salmo é uma rubrica litúrgica, de época posterior (antes do fim do IV. séc. a.C.). Na indicação de sua recitação pelo coral encontra-se uma referência ao serviço litúrgico instaurado no Templo, pois nas sinagogas não havia coro, nem entoação do canto litúrgico, nem recitação melódica nem estribilho (v. 9). Consta aí também a chancela oficial da autoridade religiosa, assegurando ao texto o caráter canônico para uso cultual na liturgia. A música sacra utilizou melodias já conhecidas (cf. “os lírios”), para salientar o ritmo dos versos e a sonoridade das sílabas tônicas, como é típico da poesia, e não se usou propriamente a cadência vocabular. A especificação do teor do Salmo como “testemunho” (hebr. *‘edût*) visa ressaltar sua função na ratificação da *Aliança*, que, em seguida, era consignada por documento escrito, chamado “protocolo”. A composição poética se define como um “salmo” (hebr. *mizmôr*) que é característica de quase todos os textos litúrgicos do Saltério. Sua finalidade é assegurar-lhe a chancela oficial da autoridade religiosa e garantir o caráter de inspiração divina. Dessa forma, este Salmo será recitado pelo Povo Eleito, na presença de Deus. A referência ao nome de “Asaf” destaca a qualidade poética mais valiosa do que outras cantigas de trovadores populares, improvisando músicas em praça pública. O *lamed* prefixado ao nome de Asaf é o “*lamed* do titular de classificação”, que indica o grupo de Salmos de uma determinada coleção (JM § 130b). Não se trata do *lamed auctoris* para identificar o compositor do respectivo Salmo.



Invocação e súplica (v. 2-4)

- ² *Escuta, Pastor de Israel,
que guias José como um rebanho,*
³ *diante de Efraim, Benjamim e Manassés!
Desperta teu poder
e vem salvar-nos!*
⁴ *Restaura-nos, ó Deus:
faze brilhar tua face, e seremos salvos!*

A prece do salmista diante do Deus tutelar do povo de Israel, recorda seu patrocínio sobre as tribos de José, como se costumava invocar a JAVÉ na História dos Patriarcas. Na invocação, menciona-se o relacionamento com as tribos de Efraim, Benjamim e Manassés, cujo território tribal confinava com as duas tribos de Judá. A súplica insistente é uma intercessão dos habitantes de Judá pela restauração dos sobreviventes do Reino do Norte. Data, portanto, de uma época em que havia o perigo iminente de desaparecer o Povo Eleito, cujo número de fiéis diminuía à vista de todo o mundo e se temia pela continuidade da História da Salvação. O refrão (v.4, 8, 20) encerra um pedido pela restauração do povo dizimado e exilado, que outrora fazia parte do Povo Eleito, num apelo que aplica a eficácia da *nova Aliança* de Jeremias à situação atual. Trata-se da experiência da salvação de forma antecipada, que será concedida pela atuação de Deus, JAVÉ, o todo-poderoso, o autor da *Aliança* sagrada.

Protesto (v. 5-7)

- ⁵ *DEUS, SENHOR todo-poderoso,
até quando estarás irado,
apesar da oração do teu povo?*
⁶ *Deste-lhe a comer o pão das lágrimas,
a beber, um pranto triplicado.*
⁷ *Fizeste-nos objeto de contenda dos vizinhos,
e de nós zombam os inimigos.*

O protesto do salmista não é expresso em termos de uma diátribe entre o injustiçado e Deus como juiz supremo, mas é formulado como oração acompanhando a liturgia penitencial que inclui o rito de contrição: “*comer o pão das lágrimas, e beber pranto*”. Esse rito de contrição é mencionado no Salmo para ressaltar a instituição da *nova Aliança* em vigor no período pós-exílico.



Para entender a gravidade do descalabro moral, basta visualizar o “rosto irado” de Deus, em nossa consciência, e perceber a censura à impiedade. A conversão moral terá, por reflexo, um “semblante amigo” (Sl 34,16), voltando-se Deus para reconciliar consigo o pecador arrependido. São recursos sugestivos que os Salmos usam para situar a punição da impiedade no contexto da ira divina, mas colocam o infrator na presença de Deus, porque assim permanece oferecida a salvação ao pecador arrependido. Lembremos também que a amizade de Deus para com os fiéis não se reduz a mero sentimento, mas consiste na irradiação da benevolência de Deus, cujo reflexo se manifesta como “*luz da Sua face*” (Sl 4,7).

A reação hostil dos antigos vizinhos de Judá é típica de uma desforra contra a atitude de exclusivismo judaico, que precisava ser erradicado nos seguidores de uma religião que tem como meta sua difusão no mundo, levando para todos os povos os dons salvíficos de Deus.

Retrospecto (v. 8-12)

- ⁸ *Restaura-nos, Deus todo-poderoso:
faze brilhar tua face, e seremos salvos!*
- ⁹ *A videira que retiraste do Egito,
tu a replantaste, expulsando nações;*
- ¹⁰ *preparaste-lhe o terreno,
para que lançasse raízes e enchesse o país.*
- ¹¹ *Sua sombra cobriu as montanhas,
e seus ramos, os cedros altíssimos;*
- ¹² *estendeu os sarmentos até o mar;
até o rio, seus rebentos.*

A evocação dos acontecimentos históricos que afetaram a existência das tribos israelitas, sob o patrocínio de JAVÉ, migrando através de terras estrangeiras, em épocas passadas, é introduzida pelo *ato de confiança* na intervenção de Deus em favor do Povo Eleito, cuja eficácia, através da liturgia comunitária, tem efeito salutar na vida dos fiéis sob o beneplácito de Deus, invocado como protetor do seu povo (v. 8). A imagem do rebanho migrando de pastagem para pastagem, e o transplante da videira de um país para outro, ilustram a migração das tribos de Israel, desde o Egito até a Terra Prometida. Ao evocar suas origens históricas, marcadas pela solicitude de Deus, como Pastor e Vinhateiro, os fiéis interpelam a Deus sobre a situação de abandono e falta de proteção. O



que mais os atormenta é a cruciante dúvida: se Deus, eventualmente, teria revogado a *Eleição* de Israel, “videira e cepa escolhida”, transplantada do Egito para a terra de Canaã, e estendida sobre todo o território da Palestina, com as fronteiras recuadas até o Mar Mediterrâneo, até as montanhas do Líbano e do rio Eufrates.

Protesto (v. 13-14)

¹³ *Por que lhe derrubaste as sebes,
para que a vindimem todos os transeuntes?*

¹⁴ *O javali da selva a devasta,
pastam nela os animais do campo.*

A interrogação, dirigida a Deus, é um recurso literário que se usa no estilo discursivo da oração, das profecias e dos poemas didáticos. A “vinha” é imagem de um terreno valorizado pela plantação de um vinhedo, protegido por uma cerca contra invasores. A invasão de intrusos fica visível aos olhos de todos pelo rasto de devastação, pela destruição das plantações, fruto de anos de esforço e dedicação. O fato de compararem os inimigos com animais selvagens realça a selvageria e barbárie dos mesmos ao atacarem tudo o que encontravam à sua frente. Temos aí uma referência às tradições religiosas, culturais e ritos que foram pisados pela soldadesca, como imagem sugestiva, simbolizando objetos religiosos e os rituais do nacionalismo judaico que tinham que ser eliminados da religião bíblica. Foi o próprio Deus que “derrubou as sebes” como *causa principal*, ao passo que as tropas inimigas eram meramente *causa instrumental*.

O tema da *Eleição* divina do Povo Eleito na sua terra enfrenta o desafio da ausência de Deus e, com isso, se atribui a Ele a responsabilidade pela queda das estruturas que davam respaldo e sustentação ao nacionalismo judaico. Em outras palavras, os judeus não queriam, de modo algum, que a religião se emancipasse das estruturas do estado teocrático de Israel. Por isso, não havia alternativa a não ser eliminar aquelas estruturas com ressaibo nacionalista.

Pedido (v. 15-18)

¹⁵ *Volta-te, ó Deus todo-poderoso,
olha do céu e vê!
Vem visitar esta videira,*



¹⁶ *a cepa que tua destra plantou
para o filho que criaste!*

¹⁷ *Ei-la incendiada, cortada.*

Pereçam eles, sob a ameaça do teu rosto!

¹⁸ *Pousa tua mão sobre o homem à tua direita,
sobre o filho do homem que para ti fortaleceste!*

Comovente prece de intercessão pelas antigas tribos do Norte de Israel. O pedido é dirigido a Deus a fim de “visitar a videira”, como figura retórica de metonímia para significar o território e os habitantes após a catástrofe nacional. Em especial, após a invasão das forças inimigas, era de grande urgência que *Deus todo-poderoso* marcasse “presença”. Trata-se, portanto, de uma fé na experiência da atuação divina através de acontecimentos providenciais, e dos dons da benevolência divina concedidos aos fiéis. A revitalização do país em ruína é algo inédito na obra de restauração, porque se precisa recorrer a elementos inexistentes ali, porque dez das tribos do Norte de Israel haviam sido deportadas (em 721 a.C.) para a Assíria (2Rs 17,6; 18,11). Para o início da obra será necessário acabar com a hegemonia assíria, o que de fato ocorreu com a queda do Império Assírio (em 627 a.C.). Em vista disso, a *imprecação* com ameaças de castigo divino contra o domínio do opressor é uma sentença cominatória *post factum* (v. 17). Há aqui uma inovação no sentido de incluir os israelitas exilados da Assíria na fundação de novas comunidades de fé, unidas às dos exilados na Babilônia. Neste sentido, o universalismo da religião de Israel conta com um número crescente de fiéis das mais longínquas comunidades de fé.

O nome patronímico da tribo de liderança sobre as outras dez, no antigo Reino do Norte de Israel, é sem dúvida, a tribo de Benjamim, da qual proviera o rei Saul. A referência ao “filho” alude à troca de nome de “*Ben-’ôni* – filho da minha desgraça” dado pela mãe, que morreu de parto (Gn 35,18), para “*Binyamîn* – filho da mão direita”, como emendou o pai, para alívio do amargo luto pela perda da esposa, trocando, assim, em alvíssaras o triste agouro. O nome de Benjamim é explicitado pela frase nominal “o homem à tua direita” com sentido de identificação¹⁸.

Promessa e confiança (v. 19-20)

¹⁹ *Não nos afastaremos de ti:*

tu nos conservarás a vida, e invocaremos teu nome.

¹⁸ Cf. P. JOÛON; T. MURAOKA, *op. cit.* § 154ea.



²⁰ *Restaura-nos, ó DEUS, SENHOR todo-poderoso:
faze brilhar tua face, e seremos salvos.*

A promessa de louvor, a ser prestado a Deus na liturgia comunitária, em reconhecimento pela salvação, assegura ao povo a vida plena na presença divina. A fidelidade prometida a Deus é a oferta de adesão pessoal, como preito de gratidão pela intervenção divina em favor do Povo Eleito. Mais do que mera ideia, trata-se de uma experiência da presença de Deus que os fiéis acalentam no coração. Aqui se expressa o *fervor religioso* da comunidade de fé ao prometer fidelidade inquebrantável, desde que Deus proteja sua existência na história, a fim de que a religião bíblica continue dando sinais de credibilidade no mundo. O *refrão* expressa a confiança dos fiéis no cumprimento das promessas anexas à Aliança sagrada, que visam à salvação do Povo Eleito. O pedido pela benevolência divina em favor do povo, em grave perigo, será atendido, no momento em que a face do SENHOR voltar-se com semblante amigo às preces dos fiéis.

O *refrão* expressa a confiança dos fiéis no cumprimento das promessas anexas à *Aliança* sagrada, que visam à salvação do Povo Eleito. O pedido pela benevolência divina em favor do povo, em grave perigo, será atendido, no momento em que a face do SENHOR voltar-se com semblante amigo às preces dos fiéis.

Nota

¹¹ “altíssimos”, o superlativo em hebr. é expresso pelo genitivo: “de Deus”.

¹⁹ “nome”, como indicação da presença divina.

Oração

Oração de amor confiante na salvação do Povo Eleito, ameaçado em sua sobrevivência. Seu destino mudará para melhor, com o favorável atendimento das preces dos fiéis.

Contexto

Este salmo de súplica coletiva data do período pós-exílico.



Salmo 89 (88)

Promessa messiânica a Davi

Estrutura Literária

| | | | |
|------|----------------------------------|-------|-----------------------------------|
| 1 | I. Cabeçalho | 20-38 | III. Oráculo divino |
| 2-19 | II. Hino de louvor | | 20-22 A. Eleição de Davi |
| | 2-5 A. Prelúdio | | 23-26 B. Proteção divina |
| | 2-3 a) Aclamação de louvor | | 27-28 C. Adoção divina |
| | 4-5 b) Citação do oráculo | | 29-30 D. Aliança com Davi |
| | 6-9 B. Soberano do céu | | 31-34 E. Advertência aos pósteros |
| | 10-13 C. Soberano da terra | | 35-38 F. Promessa à casa davídica |
| | 14-15 D. Soberano da história | 39-52 | IV. Lamento |
| | 16-17 E. Exclamação admirativa | | 39-46 A. Tribulação atual |
| | 18-19 F. Soberano do Povo Eleito | | 47-52 B. Súplica insistente |
| | | 53 | V. Doxologia |

Comentário e sua relevância na História da Salvação¹⁹

¹ *Ode sacra de Etan, o ezraíta.*

A classificação desse salmo como “ode sacra” (hebr. *maskil*) ressalta a preferência por estribilhos (v. 5, 38, 46, 49) e o esmero poético muito apropriado ao estilo elevado e à linguagem da corte. O nome próprio de Etan (*‘eitān*) o ezraíta (*‘ezrāti*) identifica-o como um dos famosos “sábios”, cujo carisma o evidencia pelo o caráter de inspiração divina e de exímia qualidade poética. O *lamed* prefixado ao nome de Etan é o “*lamed* do titular de classificação”, que indica o grupo de Salmos de uma determinada coleção (JM § 130b). Não se trata do *lamed auctoris* para identificar o compositor do respectivo Salmo.

Hino de louvor a Deus (v. 2-19)

² *Cantarei eternamente os dons de amor do SENHOR;
com minha boca anunciarei tua fidelidade, de geração em geração.*

¹⁹ O salmista coincide com o historiador deuteronomista na expectativa da restauração da dinastia davídica. Entretanto, ambos os autores não se inspiram na mensagem de advertência da pregação dos profetas (Naum, Habacuc e Abdias) e silenciam totalmente sobre a catástrofe nacional cf. J. SCHARBERT, *Die Propheten Israels um 600 v. Chr.*, II, J.P. BACHEM, Köln, 1967, p. “Wo bleibt die Davidverheissung”, p. 493-499. Entretanto, a seção do “Protesto” (v. 39-52) cai fora da linha de continuidade teol.hist. deuteronomista. Tratando-se da avaliação dos dados narrados nos livros históricos da Bíblia, é preciso levar em consideração o livro de T. RÖMER, *A chamada história deuteronomista*. Introdução sociológica, histórica e literária. (Trd. de G.A. Titton), Ed. Vozes, Petrópolis, 2008.



- ³ *Sim, proclamo que teu amor está edificado para sempre,
nos céus estabeleceste tua fidelidade:*
- ⁴ *“Fiz aliança com meu eleito,
jurando a Davi, meu servo:*
- ⁵ *Estabelecerei tua descendência para sempre,
e te construirei um trono, de geração em geração.” Canto*
- ⁶ *Os céus exaltam tuas maravilhas, SENHOR,
e tua fidelidade, na assembléia dos santos.*
- ⁷ *Quem, nos céus, se compara ao SENHOR?
Quem é igual ao SENHOR entre os seres divinos?*
- ⁸ *No conselho dos santos, Deus é grandemente temido,
e inspira mais temor do que todos os que o cercam.*
- ⁹ *DEUS, SENHOR todo-poderoso, quem é igual a ti?
Forte és tu, SENHOR, e tua fidelidade está ao teu redor.*
- ¹⁰ *Dominas a insolência do mar;
quando suas ondas se sublevam, tu as amansas.*
- ¹¹ *Trituraste o cadáver de Raab,
desbarataste os inimigos com o poder de teu braço.*
- ¹² *O céu é teu, tua é a terra;
fundaste o orbe e quanto ele contém.*
- ¹³ *O Norte e o Sul, tu os criaste;
o Tabor e o Hermon exultam ao teu nome.*
- ¹⁴ *Tens o braço cheio de vigor,
a mão forte, a destra erguida.*
- ¹⁵ *A justiça e o direito são as bases de teu trono,
amor e fidelidade antecedem tua presença.*
- ¹⁶ *Feliz o povo que sabe aclamar-te!
Eles seguirão pelo caminho, à luz de tua face, SENHOR*
- ¹⁷ *Por teu nome, todo dia, se regozijam
reerguem-se com tua justiça.*
- ¹⁸ *Sim, és sua força fulgurante
e com teu favor reergues nossa frente.*
- ¹⁹ *Ao SENHOR pertence nosso escudo,
ao Santo de Israel, o nosso rei.*

2-19 *Hino de louvor à bondade de Deus, que manifesta sua onipotência na criação e na história, e estabelece sua Aliança com o Povo Eleito e com Davi, e com a dinastia davídica. Com base nesta Aliança*



sagrada, a realeza davídica tornou-se um dos quatro sinais da Eleição divina do Povo Eleito, junto com o sacerdócio levítico, o Templo e a cidade de Jerusalém. O significado religioso desses quatro sinais era de grande serventia para a vida dos israelitas, pois bastava conscientizar-se da existência desses símbolos nacionais para saberem que estavam sob a égide da Eleição divina.

2-5 Prelúdio. A promessa de perene louvor a Deus é o legado de fé do salmista a todas as gerações do Povo Eleito para renderem, nas celebrações litúrgicas, a ação de graças pela *Aliança* que vincula a Deus o rei e o povo. Essa *Aliança* é motivada pelo amor de Deus para com os fiéis, e tem, na fidelidade divina, a garantia de sua continuidade. Quanto à realeza davídica, sua instituição foi ratificada por oráculo divino em vista de sua função como mediação dos dons salvíficos, canalizando-os para aquelas áreas que estavam fora do setor religioso, tais como o governo central, a administração pública, o setor da defesa da independência territorial do país e a gestão do bem comum em benefício dos cidadãos. É na louvação litúrgica que encontramos a expressão do *fervor religioso* da comunidade de fé ao prometer que proclamará os dons da Aliança sagrada de geração em geração apesar da dolorosa experiência causada pela destruição da monarquia de Judá e da dinastia da casa de Davi. Pois a causa principal da destruição é o próprio Deus de Israel, contrariando a promessa messiânica a Davi.

6-9 Soberano do céu. O louvor à majestade divina é expresso pela ordem cósmica, através dos astros que executam a sinfonia sideral no espaço empíreo e, de modo eloquente, pelo reconhecimento dos anjos, no céu. O temor das criaturas diante da majestade divina não é o “assombro” causado pelas hierofanias espaciais de tipo cosmológico, mas um santo horror a qualquer ofensa a Deus.

10-13 Soberano da terra. O reconhecimento do domínio de Deus sobre o mundo e as forças da natureza louvam o Criador, que subjuguou o caos ao criar o cosmo. As altas montanhas destacam-se na paisagem, a exemplo do Tabor e Hermon, cujos cimos se elevam até o céu; a contemplação dos altos cumes suscita nos fiéis aclamações de louvor, que eles costumam expressar na liturgia, celebrada na presença divina. Na mitologia cananéia encontram-se referências a essas montanhas do Líbano como sede dos deuses tutelares, cuja morada se situava no “extremo Norte” (hebr.: *yarktêi şafôn*), olhando do monte Sião (Sl 48,3).



14-15 *Soberano da história*. Na revelação dos desígnios salvíficos, vinculam-se à *Aliança* divina os princípios do direito e a justiça, que constituem os fundamentos da comunidade ética. Os atributos divinos de “amor e fidelidade”, acompanhados da justiça e do direito, que regulamentam as relações humanas, estabelecem a nova ordem da história: a História da Salvação.

16-17 *Exclamação admirativa*, almejando a bem-aventurança ao Povo Eleito pelo atos beneméritos dos cidadãos em benefício do bem comum. Na verdade, compete aos membros da comunidade de fé expressar o reconhecimento pela colaboração humana nas obras em favor da população, em perene louvor à soberania de Deus, que realiza a obra salvífica no mundo com a ajuda dos seus eleitos.

18-19 *Soberano do Povo Eleito*. Por *Eleição* divina é que o rei Davi e seus sucessores da monarquia colaboram no desempenho das tarefas conferidas ao Povo Eleito, ao qual estão vinculados pelo mesmo destino e pelas mesmas promessas de proteção divina.

Oráculo divino (v. 20-38)

²⁰ *Outrora, em visão, falaste assim aos teus fiéis:*

*“Dei meu apoio a um herói,
do meio do povo exaltei um eleito...”*

²¹ *Encontrei Davi, meu servo,
ungí-o com meu óleo santo.*

²² *Minha mão está pronta para ele,
meu braço o fortalecerá.*

²³ *Não o surpreenderá o inimigo,
nem o humilhará algum perverso,*

²⁴ *pois esmagarei, diante dele, os adversários
e golpearei os que o odeiam.*

²⁵ *Minha fidelidade e meu amor estarão com ele;
e em meu nome se erguerá sua frente.*

²⁶ *Porei sua mão sobre o mar,
e sua direita sobre os rios.*

²⁷ *Ele me invocará: ‘Tu és meu Pai,
meu Deus, rocha de minha salvação.’*

²⁸ *E eu farei dele o primogênito,
excelso entre os reis da terra.*



²⁹ *Para sempre mantereí meu amor para com ele,
e minha aliança com ele estará assegurada.*

³⁰ *Para sempre estabelecerei sua descendência,
e seu trono, como os dias do céu.*

³¹ *Se seus filhos abandonarem minha lei
e não seguirem meus decretos,*

³² *se violarem meus preceitos
e não guardarem meus mandamentos,*

³³ *punirei com a vara sua transgressão,
e sua iniquidade, com açoites,*

³⁴ *mas sem apartar dele meu amor
nem invalidar minha fidelidade.*

³⁵ *Não violarei minha aliança
nem mudarei o que saiu de meus lábios.*

³⁶ *Uma vez por todas, jurei por minha santidade,
de forma alguma enganarei Davi:*

³⁷ *Sua descendência durará para sempre,
e seu trono estará diante de mim como o sol,*

³⁸ *como a lua, que sempre permanece,
fiel testemunha nos céus”.*

20-22 *Eleição e consagração* de Davi, como rei do Povo Eleito. A unção confere ao rei caráter sacral, elevando-o acima da esfera do profano pela relação especial com Deus. A monarquia era, em Israel, uma instituição de mediação salvífica para o bem da nação. Sua eficácia era-lhe assegurada por intervenção divina.

23-26 *Proteção divina* era assegurada ao rei na vida pessoal, no governo da nação e na defesa da integridade territorial. Em virtude da presença divina, o rei e a nação beneficiavam-se das graças alcançadas através das preces de intercessão dos fiéis, que obtinham de Deus proteção contra a agressão externa, simbolizada nas águas revoltas do mar e dos rios.

27-28 *Adoção divina*. Na cerimônia de entronização, o rei do Povo Eleito adquiria o título de “filho adotivo” de Deus, no sentido de aliado preferencial, sob tutela divina.

29-30 *Aliança com Davi*. Sua vinculação com Deus não era transitória, mas perene, por todos os anos de sua vida e por toda a dinastia davídica.



31-34 *Advertência aos descendentes*. Enquanto Davi se destacava por sua qualidade de fiel vassalo de Deus, seus descendentes estavam longe de imitar o seu exemplo. Entretanto, a infidelidade pessoal dos reis de Judá não abalará a estabilidade do trono davídico em mais de quatro séculos, sendo a monarquia davídica uma das mais estáveis da Antiguidade.

35-38 *Promessa à casa davídica*. A indissolubilidade da *Aliança* era garantida por um juramento, em que Deus empenhava o que havia de mais sagrado, sua própria santidade. Quanto à estabilidade do trono davídico, visava-se ressaltar o fato de que Deus lhe assegurara continuidade para fins de mediação salvífica e pela qual dava sequência às etapas da História da Salvação. Quando a monarquia davídica fosse substituída por outra forma de governo, a função dessa mediação seria assumida por outros órgãos governamentais, dela compartilhando os responsáveis pela administração pública.

Protesto (v. 39-52)

³⁹ *No entanto, desdenhaste e rejeitaste,
encolerizando-te com teu ungido.*

⁴⁰ *Renegaste a aliança com teu servo,
profanaste por terra seu diadema.*

⁴¹ *Derrubaste todas as suas muralhas,
desmantelaste suas fortalezas.*

⁴² *Saquearam-no todos os transeuntes,
e ele tornou-se o ludíbrio dos vizinhos.*

⁴³ *Exaltaste a destra dos seus adversários
e alegraste todos os seus inimigos.*

⁴⁴ *Embotaste o fio de sua espada
e não o apoiaste na batalha.*

⁴⁵ *Puseste fim ao seu esplendor
e derrubaste por terra seu trono.*

⁴⁶ *Abreviaste os dias de sua juventude
e o cobriste de vergonha.*

⁴⁷ *Até quando, SENHOR? Para sempre te ocultarás,
ardendo como fogo tua cólera?*

⁴⁸ *Lembra-te da duração da minha vida!
Criaste em vão todos os seres humanos?*

⁴⁹ *Viverá, sem ver a morte, algum valente,*



que possa subtrair-se à garra do abismo?

⁵⁰ *Senhor, onde estão teus dons de amor de outrora,
que juraste a Davi por tua fidelidade?*

⁵¹ *Lembra-te, Senhor, do ultraje de teus servos,
que carrego no peito, da parte de muitos povos!*

⁵² *Como o ultrajaram, SENHOR, teus inimigos,
como ultrajaram os passos do teu unguido!*

Protesto pela situação de calamidade nacional, que contrasta com a intervenção divina no passado.

39-46 *Tribulação* atual, como causa de crise na fé, abaladas as estruturas da comunidade, não por decadência, mas por causa de vicissitudes históricas. Surge um questionamento quanto à validade da promessa divina sobre a indissolubilidade da *Aliança* feita com a realeza davídica, e sobre a indefectível proteção assegurada à nação e ao rei. Porém, a *causa primeira* da destruição da monarquia era o próprio Deus, sendo as tropas babilônicas mera *causa instrumental*. Não admira que a ruína fosse completa e irremediável. A finalidade era de eliminar a estrutura estatal do Estado teocrático de Judá, que dava respaldo e sustentabilidade à religião de Israel. Doravante, não se precisava dessa estrutura para sobreviver, e muito menos a religião bíblica deveria atrelar-se ao regime monárquico. Com efeito, aos fiéis não se dava o aval de organizar-se em partido monarquista nem revestir-se de honrarias da nobreza, pois as comunidades de fé estavam constituídas de gente simples e de pobres. Não foi por causa do empobrecimento da população após guerra, mas devido à fuga da elite de Judá para outros países. Daí que os sobreviventes do país eram os fiéis, a quem cabia consolidar sua fidelidade em meio à pobreza e difundir a religião bíblica a outros povos.

47-52 *Súplica* insistente, incluída a interpelação a Deus por sua ausência e pelo abandono da nação, em sua situação trágica. Implícita na pergunta “até quando?” está a afirmação “não se pode suportá-lo por mais tempo”. A prece introduzida pelo verbo “lembrar” tem por fim apresentar a súplica de maneira enfática, para que esteja presente diante de Deus. Como motivo para intervenção divina na vida dos fiéis menciona-se a triste situação do Povo Eleito, à mercê de inimigos, que são os inimigos também de Deus. A reação de Deus com sentimentos de cólera diante dos inimigos não é um retrato da natureza divina, mas uma imagem visual da censura ao estado espiritual do ímpio, obstinado na resistência à graça, e na perseguição contra os fiéis do Povo Eleito.



A repercussão da *nova Aliança* de Jeremias consta na experiência do *perdão dos pecados*, dentro do rito de contrição da liturgia penitencial (v.51). Não há ressentimento nem amargura no coração do salmista contra os povos inimigos, mas sentimento de dó e lástima pela ofensa contra Deus.

Doxologia (v. 53)

⁵³ *Bendito seja o SENHOR para sempre!*
Amém e amém!

A doxologia rende perene louvor a Deus, finalizando com a *aclamação* litúrgica: “amém”, palavra derivada do hebr. *’āmēn*, expressa anuência à prece: “Assim seja!” Ocorre na rubrica do final da terceira parte do Saltério (Sl 73-89), como também no fim da segunda (Sl 42-72) e da primeira parte (Sl 1-41). A designação de Deus pelo nome do SENHOR tem significado especial nessa doxologia, porque exalta a Deus não pelo nome genérico, mas como *Autor da Aliança* sagrada. Na verdade, o nome do SENHOR ocorre doze vezes para dar ênfase à sua vinculação toda especial com o Povo Eleito, cuja mediação era exercida pela realeza davídica.

Oração

Oração de louvor para despertar nosso amor para com Deus, que instituiu mediações salvíficas para o bem do Povo Eleito, mostrando aos outros povos como se realizam seus desígnios na História da Salvação e assegurando aos fiéis a proteção divina, em meio às vicissitudes históricas que traumatizam sua fé.

Contexto

Este salmo da realeza data do período pós-exílico.

Conclusão

A piedade bíblica tem caráter litúrgico porque cultiva um pensamento comunitário, não propriamente de orientação tradicional, que se sente mais protegida e mais segura numa cultura nacionalmente homogênea, ou mesmo, numa sociedade nacionalista. Mas, à luz dos Salmos, se



ensina que a oração dirigida a Deus brota da boca dos fiéis que procuram livrar-se do nacionalismo, unindo-se ao invés a todos os oprimidos na tentativa de emancipar-se dos confinamentos territoriais e continentais, porque estão empenhados em conquistar sua liberdade e sua identidade próprias. Fator marcadamente comunitário, mas isento do reducionismo cultural e afinidade social, é a religião bíblica situada na História da Salvação que necessita da mediação de estruturas e instituições, sem que estejam sujeitas ao nacionalismo e ao fundamentalismo, porque estão a serviço da difusão dos dons salvíficos entre todos os povos do mundo.

Endereço do Autor:

Colégio Catarinense
Rua Esteves Júnior 711, cx postal 135
CEP 88015-130 Florianópolis, SC
E-mail: lstadelmann@hotmail.com